

ECONOMIA DE FICHAS APLICADA NO CONTEXTO ESCOLAR

Reginaldo Pedroso¹
Rafaela de Oliveira Lira Gouvêa Vilela²
Laudineia Gomes de Oliveira³

Resumo

Percebe-se o sufoco no qual as escolas vem passando nos últimos tempos. Um novo modelo de aluno vem se matriculando, mas as escolas ainda se mantêm com um modelo antigo de educação. Nesse contexto, o que se mais se escuta é sobre os comportamentos desadaptados dos alunos e o elevado índice de violência seja com colegas (bullying) e até mesmo com os professores. É nessa dinâmica do dia-a-dia que os profissionais da educação vêm se deparando com tamanha dificuldade em alcançar seus objetivos em sala de aula. O presente estudo teve como objetivo aplicar um sistema de economia de fichas no contexto escolar com o intuito de modificar padrões de comportamentos de um grupo de alunos. O trabalho foi dividido em cinco etapas: a primeira foi à seleção de alunos com comportamentos incompatíveis com o esperado em sala de aula; a segunda foi à formação da linha de base, a terceira foi à aplicação da técnica, a quarta etapa foi à formação da segunda linha de base com intuito de verificar a frequência dos comportamentos indesejáveis e a quinta etapa foi retornar à escola no semestre seguinte para fazer entrevista com os professores sobre os comportamentos dos alunos que participaram do estudo e também para verificar os efeitos duradouros do sistema de economia de fichas. Os resultados foram surpreendentes, chegando à extinção dos comportamentos indesejáveis em um curto espaço de tempo. O resultado das entrevistas realizadas com os professores no semestre seguinte não demonstrou nenhuma queixa dos alunos que ainda permaneceram na escola. Diante dos resultados constatou que a técnica de economia de fichas pode ser oferecida como método a ser adotado nas escolas a fim de minimizar estes comportamentos problemas.

PALAVRAS CHAVES: educação, análise do comportamento, economia de fichas

Abstract

Perceives the grip in which schools has been going lately . A new model has been enrolling students , but schools are still left with an old model of education . In this context , what you hear is more about the maladaptive behaviors of students and the high rate of violence is with peers (bullying) and even with teachers . It is this dynamic day-to - day education professionals have faced with such difficulties in reaching their goals in the classroom. The present study aimed to apply a token economy system in the school context in order to modify

¹ Coordenador do curso de Psicologia da Faculdade Associada de Ariquemes- FAAR, Dourando pela PUC – Goiás.

² Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Associada de Ariquemes- FAAR

³ Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade Associada de Ariquemes- FAAR

behaviors of a group of students . The work was divided into five stages: the first was the selection of students with behavior incompatible with expectations in the classroom , and the second was the formation of the baseline , the third was the application of the technique , the fourth step was the formation the second baseline with intuited to check the frequency of undesirable behaviors and the fifth step was to return to school the following semester to interview with faculty on the behaviors of the students who participated in the study and also to verify the lasting effects of the economic system chips . The results were surprising, coming to the extinction of the undesirable behaviors in a short time . The result of the interviews with the teachers in the following semester demonstrated no abuse of pupils who still remained in school. Given the results found that the technique of token economy can be offered as a method to be adopted in schools to minimize these behavior problems.

KEY WORDS: education, behavior analysis, token economy

INTRODUÇÃO

A ideia de Skinner (1953) que o comportamento é controlado por suas consequências trouxe muitas mudanças no pensamento psicológico. A partir dessa nova proposta de pensar em uma ciência do comportamento, passou a ter o ambiente como uma das principais variáveis responsáveis pelas causas do comportamento (TODOROV, 2007). O fato do comportamento ser controlado por suas consequências nos possibilita fazer arranjos de contingências para ter uma melhor compreensão de como o comportamento se dá em novos contextos e também possibilita a modificação do comportamento (MOREIRA; MEDEIROS, 2009).

Por muitos anos analistas do comportamento se preocupou com o controle de variáveis em ambiente de laboratório (SIDMAN, 1976), herança de Skinner (1950) que sempre valorizou o conhecimento dessas variáveis antes de aplicá-las em ambientes do cotidiano. O fato do analista do comportamento ser considerado um cientista natural (MATOS, 1999) possibilitou pesquisas com resultados consideráveis mesmo em ambientes do cotidiano.

Estudos sob o foco operante em ambientes fora do laboratório começaram a ser generalizado a partir da década de 50. As primeiras aplicações do modelo operante foram na modificação do comportamento em clínicas psiquiátricas (LINDSLEY; SKINNER, 1954). Os estudos de Skinner

deram condições para outros estudos que até então não se havia proposta efetiva. Talvez o estudo mais bem sucedido das primeiras aplicações dos princípios básicos do comportamento tenha sido os estudos de Ayllon e Azrin (1968). Os autores desenvolveram uma técnica denominada de economia de ficha para modificar comportamentos de internos em uma instituição psiquiátrica.

Frente à quantidade de pessoas que residiam nessas instituições e a falta de pessoal para o acompanhamento direto além da resistência em tratamentos tradicionais, Ayllon e Azrin desenvolverem um método com a ideia de trabalhar em grupos, pois, assim resolveriam o problema da resistência em outros tipos de tratamento além da falta de pessoal nas instituições para cuidar da cada um (PATTERSON, 1996).

O método consistia em utilizar reforçadores condicionados (Tomarini, 2000) para serem trocados por reforçadores primários (alimento) ou outros reforçadores condicionados (p.ex.: mais regalias dentro da instituição). Segundo Patterson (1996 p. 298) economia de ficha consiste em “um sistema de reforçamento no qual se administram fichas como reforçadores imediatos, que são ‘respaldadas’ posteriormente permitindo que se troque por reforços mais valiosos”, no qual consiste em três etapas: a) a ficha ou meio de intercâmbio, b) as recompensas ou reforços de respaldo que podem ser comprados com as fichas, e c) o conjunto de regras que define as interrelações entre os comportamentos específicos que obtêm fichas e os reforços de respaldo pelos quais se podem trocar as fichas.

Os estudos de Ayllon e Azrin deram início a vários outros estudos (ver Patterson, 1996) no intuito de resolver os problemas de comportamentos desajustados em situações onde a intervenção individual se mostrava pouca efetiva.

No Brasil, ainda há poucos estudos utilizando economia de fichas, isso pode demonstrar a falta de conhecimento de tal método. Borges (2004) aplicou o sistema de economia de ficha em uma organização onde apresentavam problemas comportamentais incompatíveis com a filosofia interna. Após verificar a queixa organizacional, realizou-se uma observação (linha de base)

para registrar a frequência dos comportamentos alvos, em seguida foram discutidos com os colaboradores os possíveis reforçadores no qual escolheu um dia de folga. A queixa era o descuido com higiene pessoal, apresentação e equipamentos de trabalho, foi desenvolvido um protocolo com pontuações específicas para cada comportamento onde, a cargo do supervisor era registrado tais comportamentos na entrada e saída do expediente. A intervenção foi dividida em quatro fases: A) linha de base – levantar frequência de comportamentos alvos, B) intervenção – explicação do procedimento aos membros e inclusão das fichas e da consequência, C) retorno à linha de base – retirada da consequência, mas as fichas continuavam sendo entregues e D) retorno à intervenção – retorno da consequência.

Os resultados do estudo demonstram uma efetividade na mudança de comportamento onde 95% dos participantes foram sensíveis ao programa, ou seja, dos 104 colaboradores 99 apresentaram uma mudança nos comportamentos alvos. Segundo Borges (2004), a terceira fase tornou evidente da força reforçadora do sistema, mesmo apresentando uma queda na frequência do comportamento quando eram apenas apresentadas as fichas não mais associadas aos reforçadores, os comportamentos não chegaram à linha de base. Por ser um programa de efeitos evidentes e de baixo custo foi inserido como política de RH na empresa estudada.

Alencar (2006) utilizando como modelo o estudo de Borges (2004) aplicou o sistema de economia de fichas em uma empresa de RH para aumentar o desempenho dos consultores. Os resultados apresentados por Alencar também demonstraram aumento no desempenho dos consultores e com baixo custo financeiros para a empresa.

Zambom, Oliveria e Wagner (2006) aplicaram o sistema de economia de ficha em intervenção com adolescente com TDAH, com o objetivo de mostrar efetividade do emprego da técnica na intervenção clínica. Para cada atividade realizada na sessão era atribuídos pontos (p. ex. não chegar atrasado à sessão – 2 pts.), assim que acumulava pontos eram trocados por reforçadores do interesse pré-estabelecido. Os pesquisadores também inseriram a mãe do adolescente para aplicar a técnica em casa. Os resultados demonstram que o

sistema de economia de fichas é uma técnica aliada para a melhora de casos clínicos. Para os autores, mesmo com as dificuldades características de pessoa com TDAH, o participante conseguiu se adaptar ao programa demonstrando melhora.

Em outro estudo, Coelho, Palha e Martin (2007) utilizaram o programa de economia de fichas em doentes psiquiátricos com deterioração cognitiva. Os autores afirmaram que mesmo frente a uma situação onde o indivíduo apresenta acentuado comprometimento cognitivo foi possível obter resultados positivos no aumento dos comportamentos alvos e em consequência uma baixa nos comportamentos indesejáveis. Esse estudo demonstra que a consequência do comportamento tem controle sobre ele independente de linguagem ou capacidades cognitivas normais. Fonseca e Pacheco (2010) utilizaram o sistema de economia como parte do processo terapêutico em uma criança que apresentavam comportamentos desajustados e com dificuldades escolares. A técnica foi utilizada para aumentar o desempenho nas tarefas aritméticas. As autoras demonstram que a criança apresentou 100% de acertos após 13 dias de intervenção.

Cunha, Ferreira, Santos, Marcheti e Ribeiro (s/a) utilizaram o sistema de economia de fichas em 111 crianças de seis salas em uma escola municipal de ensino infantil. Com a participação dos professores estipularam cinco comportamentos que deveriam ser reforçados com as fichas e cinco comportamentos inadequados onde seriam subtraídos pontos dos ganhados com emissão de comportamentos adequados. No geral, os resultados foram satisfatórios, demonstrando aumento no desempenho nos comportamentos adequados no decorrer da intervenção. Segundo os autores um ponto negativo do trabalho foi a resistência encontrada por alguns professores em aderirem ao programa. No contexto de aprendizagem Scarpalli, Costa e Souza (2006) buscaram treinar mães na interação com filhos durante tarefas escolares na busca de melhoras no desempenho do comportamento de realizar tarefas dos filhos, durante o treino foi utilizado o sistema de economia de fichas em uma de suas fazes. Os autores demonstraram resultados satisfatórios no desempenho.

Esses estudos ilustram uma possibilidade de utilizar o sistema de economia de fichas em vários contextos com resultados efetivos e de baixo custo. Talvez a justificativa de poucos trabalhos utilizando esse sistema pode ser pelo fato de ser uma técnica restrita da análise do comportamento e a falta de divulgação para outras áreas. Com seu baixo custo de implantação e sua alta efetividade nos resultados o sistema de economia de fichas pode tornar-se um auxílio para solucionar um dos maiores problemas encontrado nas escolas brasileiras na atualidade.

O Brasil vem demonstrando preocupação com os problemas ocorridos nas escolas (violência, falta de interesse e problemas de aprendizagem) e com poucos projetos para solucionar tal situação. No quesito da violência, Pereira e Williams (2008 p. 194)

A violência escolar é um problema no qual alunos, funcionários, pais de alunos sofrem ou realizam atos visando causar danos físicos, psicológicos, patrimoniais ou que exploram a sexualidade de outro indivíduo sem o consentimento deste no ambiente escolar.

Ou seja, o problema não é só da escola, é uma questão social. A violência no contexto escolar é um sério problema, pois será mais um fator que influenciará no processo de aprendizagem. Ao se falar que a violência nas escolas é um problema social, querer-se-á dizer que não está relacionado apenas à violência física ou verbal que se tornou mais conhecido como Bullying e que tantos falam nos dias de hoje, porém, a própria prática educacional utiliza-se de controle punitivo no processo de aprendizagem.

Segundo Skinner (1953), o comportamento do indivíduo está sob controle de determinadas agências, e essas utilizam da coerção para manter comportamentos sob controle. Uma dessas agências é a Escola. Para Skinner (p. 437):

A educação dá ênfase a aquisição do comportamento em lugar de sua manutenção. Onde o controle religioso, governamental e econômico preocupa-se com tornar mais prováveis certos tipos de comportamento, o reforço educacional simplesmente faz certas formas prováveis em determinadas circunstâncias.

No Brasil o fato do uso do controle aversivo na escola é característico de outra agência de controle, o religioso. A educação brasileira sofreu forte influências social e principalmente religiosa. A vinda dos jesuítas buscou proporcionar a expansão da fé e do império, dois tipos de controles altamente coercitivos (SODRÉ apud ALMEIDA E TEIXEIRA, 2011).

O controle aversivo está presente entre nós a todo tempo (SIDMAN, 1996), até o próprio ambiente natural torna-se aversivo e nesse sentido o ser humano ao se interagir acaba mudando esse ambiente a partir de seu comportamento (TODOROV, 2007). Nesse sentido, não se pode esperar que no meio educacional seja diferente.

O fato do uso do controle aversivo como fonte de controle nas escolas torna mais provável pelo fato que o agente punidor acaba sendo reforçado negativamente (MOREIRA; MEDEIROS, 2007) ao fazer com que o aluno desempenhe a atividade esperada. O que houve na história da educação brasileira foi à substituição da palmatória pela lista de chamada que alguns professores utilizam para manter alunos até o final da aula, comportamento esse controlado por falta de alternativas reforçadoras, que segundo Skinner (1953) “o professor, muitas vezes com má vontade, usa as fontes de poder de que dispõe no controle pessoal, para se tornar ou tornar aquilo que ensina interessante.

Ao longo das reformas educacionais, a punição foi ganhando características cada vez mais sutis, mas, os efeitos gerados são os mesmos (ZANOTTO, 2000). A questão do uso da punição nas escolas deve ser discutida concomitante com a questão da violência, pois a coerção pode contradizer os objetivos da escola de formar cidadãos críticos, tornando-os pouco participativos, inibidos e até tristes (ANDERY; SÉRIO, 1997).

O uso discriminado de punição gera uma amplitude de consequências sobre o indivíduo: fuga e esquiva, elevada eliciação de comportamentos emocionais, supressão de outros comportamentos além do punido, emissão de comportamentos incompatíveis ao comportamento punido e talvez o efeito mais desastroso da punição o contra controle (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Nesse caso, a punição na escola, resultaria na criação de um ambiente

desestimulante para o desenvolvimento da aprendizagem, remeteria a lembrança da escola repressora, que utilizava da palmatória para obter o controle dentro da sala de aula.

Talvez os problemas de violência e aprendizagem seja o efeito do uso discriminado da punição utilizado pelos atores da educação como a única ferramenta disponível no controle de seus alunos.

Para Skinner (1990 p. 130):

Os professores do futuro funcionarão como conselheiros, provavelmente permanecendo com contato com determinados estudantes por mais de um ano e tendo oportunidade de conhecê-los melhor. Os professores deverão ser mais capazes de ajudar os estudantes a escolher campos do interesse destes, ao invés de ensinar indivíduos, inefetivamente, sob as condições correntes, eles terão a satisfação de tomar parte em um sistema que ensina bem a todos os estudantes, como retorno para o aumento da produtividade o ensino são só será uma profissão satisfatória como também fatalmente remunerada.

É com essas palavras de Skinner que o presente estudo teve como objetivo aplicar o sistema de economia de fichas em um grupo de alunos que apresentam alta frequência de comportamentos inadequados, com a expectativa de apresentar aos atores da educação uma ferramenta efetiva e de baixo custo como uma das condições de melhorar o sistema de ensino no país.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram do presente estudo 28 crianças com idade ente seis e sete anos cursando o Pré II do ensino infantil em uma escola Municipal de Ariquemes.

Material

Foi utilizado como material, fichas de papel, protocolo de registro e reforçadores condicionados.

Procedimento

Após apresentar o projeto para os responsáveis pela escola e obtido o aceite de pais e da escola foi estipulado às condições em que ocorreria o trabalho.

O estudo foi realizado na sala de aula com todos os alunos. Ocorreu um encontro semanalmente entre o mês de setembro e outubro, foi utilizado registros de frequência de respostas para cada dia de encontro. No registro era contabilizada a frequência de cada comportamento problema.

Após reuniões junto à orientação e a professora, as mesmas relataram que praticamente todos os alunos daquela turma tinham uma frequência elevada de agressividade, desobediência e que gritavam muito durante as atividades. Assim, ficou decidido que os comportamentos a serem observados seriam: 1-agressividade; 2-desobediência e 3-gritar durante a aula. Sendo agressividade qualquer contato físico com o objetivo de ferir alguém, como tapas, chutes, murros, beliscões e empurrões. Optou-se por considerar desobediência, qualquer ordem dada que não fosse acatada.

A orientadora e a professora foram aconselhadas para manterem-se neutras durante o processo, também foram feitos registros por dois observadores, a fim de manter a fidedignidade dos resultados.

Primeiramente realizou-se uma linha de base dos comportamentos problemas durante os três primeiros encontros. Nesta fase os alunos não foram informados que estavam sendo observado e nem que o programa seria implantado. Essa observação foi realizada dentro da sala de aula no decorrer das atividades acadêmicas do dia-a-dia.

Depois foi realizada uma reunião com os alunos juntamente com a professora e orientação, na qual foi estabelecido qual como seria a aplicação do sistema de fichas. Os comportamentos reforçados foram: não gritar, atender aos pedidos feitos pela professora e não ser agressivo com os colegas durante as aulas.

Os participantes foram informados do sistema de fichas, sendo que a informação tinha como objetivo servir como instrução, com qual se esperava aumentar a probabilidade de os comportamentos-alvo serem emitidos mais rapidamente.

Após a linha de base, o procedimento funcionou da seguinte forma: foram utilizados três tipos de ficha: amarela – para agressividade; verde – para obediência e vermelha – para não gritar. Enquanto a professora dava aula, as pesquisadoras ficavam observando os alunos, nos dois primeiros encontros foi estabelecido um esquema de CRF, toda vez que ocorria a interação na sala de aula os comportamentos problemas não ocorriam, era entregue uma ficha e um bombom para os alunos além do reforço social (e.g. *muito bom*). A partir do terceiro encontro, foram estipulados três períodos de 30 minutos, ao término de cada período era entregue apenas as fichas e o reforço social de acordo com os comportamentos emitidos (e.g. se uma criança no decorrer do período de 30 minutos emitisse todos os comportamentos alvos – não gritar, obedecer e não agredir os coleguinhas recebia as três fichas – caso a criança apenas não agredisse recebia a ficha correspondente) e no final da aula de 90 minutos era feito a troca das fichas por bombom e reforçamento social. Para as crianças que não emitissem os comportamentos esperados não recebia nenhum tipo de atenção. Foram sete encontros com a intervenção do sistema de economia de fichas.

No semestre seguinte, foi realizada uma visita na escola para levantar junto a professora e orientadora sobre as queixas.

RESULTADOS

Os resultados demonstraram que os comportamentos problemas tiveram diminuição para a maioria dos alunos, apenas dois alunos não demonstram nenhuma mudança, esses não participaram das análises.

A Figura 1 apresenta o gráfico da frequência dos comportamentos antes da intervenção, servindo como linha de base. Foram somados todos os três

comportamentos estipulados como comportamentos problemas e feito uma média. A média foi utilizada por não ter ocorrido grande diferença na frequência entre os três comportamentos observados. O que pode ser observado é uma alta frequência desses comportamentos no decorrer da linha de base. Uma queda acentuada no terceiro encontro pode ser observada, durante a linha de base a média total foi de 26 comportamentos problemas.

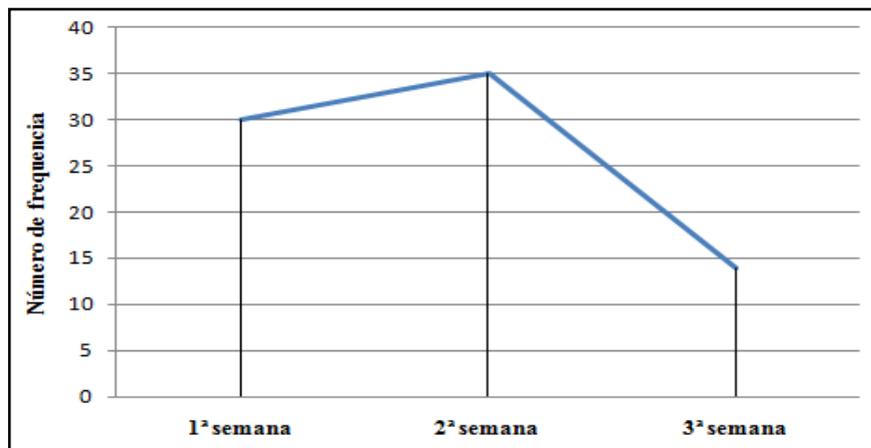


Figura 1 – Frequência dos comportamentos-problemas antes da intervenção – linha de base.

Como se pode observar (Figura 2) com a inserção do sistema de fichas a frequência de comportamentos-problemas caiu de dez na primeira semana de intervenção para zero na sétima semana. Ou seja, teve um aumento no número de respostas que produziam fichas. Entre o primeiro encontro e quarto houve uma variação na frequência dos comportamentos problemas, demonstrando um tendência descendente a partir do quinto encontro. A média total de comportamentos problemas ficou em 7,1 demonstrando se inferior à média da linha de base.

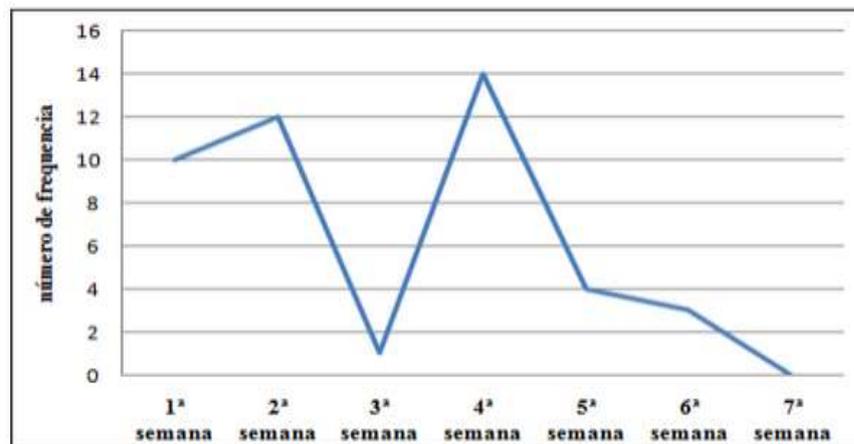


Figura 2 – Frequência dos comportamentos-problemas do início da intervenção até o final do processo.

O resultado da visita no semestre seguinte demonstrou que tanto a professora quanto a orientadora se queixou apenas dos dois alunos que não tiveram mudanças durante a intervenção do sistema de fichas, os demais não ocorreu nenhuma reclamação referente aos comportamentos problemas que foram estipulados no início do estudo. No momento da entrevista, dos 28 alunos que participaram do estudo encontravam-se matriculados 17.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados do presente estudo corroboraram com estudos anteriores (CUNHA e cols., s/a; SCARPALLI ET e cols., 2006; COELHO e cols., 2007) onde os resultados se demonstram satisfeito, ou seja, diminuição de comportamentos problemas e com baixo custo. No estudo obteve 93% de adesão frente à proposta de intervenção. A diminuição dos comportamentos problemas foi resultado da utilização do sistema de economia de fichas.

O fato dos comportamentos problemas terem apresentado uma queda antes da intervenção (Figura 1) pode ser decorrente da presença das pesquisadoras, e principalmente pelo fato das mesmas não sinalizarem punição para os comportamentos dos alunos. Quando pessoas estão em ambientes onde não estejam presentes estímulos discriminativos sinalizando

punição comportamentos que fora punido tende a ocorrer (SKINNER, 1953; SIDMAN, 1996).

Essa mudança pode ser uma demonstração do uso discriminado de punição utilizado dentro de sala de aulas (CARVALHO; PEDROSO, 2011). A punição tornou-se uma forma padronizada de suprimir o comportamento (SKINNER, 1990) no contexto escolar. E isso pode ser um dos motivos dos problemas de aprendizagem e evasão escolar.

A efetividade do programa foi demonstrada quando a equipe retornou à escola e não foi mais apresentado queixas dos alunos que participaram do grupo. Pode ser considerada uma boa estratégia para minimizar os problemas de comportamentos em sala de aula a utilização do sistema de economia de fichas pelos professores, pois esse procedimento vem demonstrando efetivo e de baixo custo, além da facilidade em programá-lo para trabalhar em grupo.

Nem todas as pessoas aderem às mudanças, nem sempre que propomos novas formas de se comportar as pessoas aceitam. No presente estudo, corroborando com Borges (2004) alguns alunos não apresentaram mudanças, mas a quantidade foi muito pequena, ou seja, dos 28 apenas 2 não apresentaram mudanças no seu comportamento, mais uma vez o sistema de economia de fichas se apresenta como uma metodologia viável. Para os alunos que não aderiram ao procedimento pode levantar questões relacionadas a vários outros problemas, a consequência oferecida poderia ser de baixo valor ou alguma dificuldade de aprendizagem, sendo necessária uma atenção maior. Porém, fica evidente que atenção dada para a minoria torna-se mais fácil o trabalho de professores e orientadores.

Como será a escola do futuro, o próprio Skinner (1990 p. 129) que seria difícil predizer, mas para ele “*os estudantes passarão mais tempo na escola, começarão mais cedo, em parte por que haverá menos cuidado disponível em casa, umas vez que as mães vão se profissionalizar.*” Frente os escrito de Skinner não há como não ser preocupar com o que estamos vivendo hoje. Se não forem oferecidas outras metodologias de ensino onde a punição ficaria de fora, estaremos aumentando nossos problemas, pois, não demorará a implantação das escolas tempo integral, e assim, os alunos ficarão expostos

tempo integral ao uso da punição utilizada no contexto escolar (CARVALHO; PEDROSO, 2011).

O uso de técnicas comportamentais como o sistema de economia de fichas quanto outros disponíveis tendo o princípio à modificação do comportamento sem utilização de punição pode ser um caminho para a educação minimizar os severos problemas que vem encontrando em sala de aula com comportamentos problemas, outro ganho seria a melhora do rendimento de alunos que não apresentam esses comportamentos e com isso diminuindo a possibilidade deles virem a se comportar como tal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. S. G.; TEIXEIRA, G. R. M. **A educação no período colonial: o sentido da educação na dominação das almas.** *Trilhas*, v.1, n.2, p. 56-65, 2000.

ANDERY, M. A.; SÉRIO, T. M. A. P. **A violência urbana: aplica-se a análise da coerção?** Em: Banaco, R. A. (Org.). *Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva*, São Paulo: ARBytes, 1, 433-444, 1997.

AYLLON, A. **Economía de fichas: un sistema motivacional para la terapia y rehabilitación**, México, Trilhas, 1968.

BORGES, B. N. **Análise aplicada do comportamento: utilizando economia de fichas para melhorar desempenho.** *Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva*. Vol. 1, nº 1, 031-038. São Paulo, 2004.

CARVALHO, V. N. G.; PEDROSO, R. **Efeito do controle aversivo na escola.** Trabalho de conclusão de curso. *Faculdades Associadas de Ariquemes*, 2011.

COELHO, C. S. M.; PALHA, A. J. O.; MARTIN, J. I. G., **Um programa de economia de fichas aplicado a doentes psiquiátricos crônicos com deterioração cognitiva.** *Psicologia USP*, v 18 nº 4, 2007.

CUNHA, L. S.; FERREIRA, A. B.; SANTOS, C.; MARCHETI, E. A. G.; RIBEIRO, E. T. **Utilizando o sistema de economia de fichas no ensino infantil: um relato de experiência.** *Centro Universitário Vila Velha*, ES, s/a.

FONSECA, R. P.; PACHECO, J. T. B. **Análise Funcional do comportamento na avaliação e terapia com crianças.** *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. VI XII, nº 1/2, p. 1-19, 2010.

LINDSLEY, O. R.; SKINNER, B. F. **A method for the experimental analysis of the behavior of psychotic patients.** *American Psychologist*, 9, 419-420, 1954.

MATOS, M. A. **Análise funcional do comportamento.** *Revista Estudos de Psicologia*, PUC-Campinas, 16, 3, 8-18, 1999.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento.** Ed. ArtMed, Porto Alegre, RS, 2007.

PATTERSON, R. L. **A Economia de Fichas.** Em: V. E. Caballo (Org.). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento.* (Trad. M. D. Claudino). Cap. 15, (pp. 297-313). São Paulo: Santos, 1996.

PEREIRA, P.C.; WILLIAMS, L.C. A. **A concepção de educadores sobre violência doméstica e desempenho escolar.** *Psicologia Escolar e Educacional*, 12, (1), 139-152, 2008.

SCARPELLI, P.B.; COSTA, C.E.; SOUZA, S.R. **Treino de mães na interação com os filhos durante a realização da tarefa escolar.** *Psicologia em Estudo*, 23(1), 55-65.b, 2006

SIDMAN, M. **Tática de pesquisa científica.** Ed. Brasiliense, São Paulo, 1976.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações.** Ed. Psi. São Paulo, SP, 1996

SKINNER, B. F. **Are theories of learning necessary?** *Psychological Review*, 57, 193-216, 1950.

SKINNER, B. F. **Science and human behavior.** New York: McMillan, 1953.

SKINNER, B. F. **A escola do futuro.** Em: Skinner, B. F. **Questões recentes na análise comportamental.** Campinas, SP: Papirus, p. 117-131, 1990.

TODOROV, J. C. **A psicologia como o estudo de interações.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (especial), 57-61, 2007.

TOMANARI, G. Y. **Reforçamento condicionado.** *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 2, 1, 61-77, 2000.

ZANOTTO, M. L. B. **Formação de professores: a contribuição da análise do comportamento.** EDUC. São Paulo, SP, 2000.